

Discurso e *dit-mension*: existe uma performatividade específica da psicanálise?

Discourse and *dit-mension*: there is a performativity specific to psychoanalysis?

HAYDÉE MONTESANO

RESUMO:

Em seu livro *Como fazer realmente coisas com as palavras*, Bárbara Cassin retoma a formulação de Austin sobre o carácter performativo da linguagem. O interesse que se coloca para nós, posicionados no campo da psicanálise, é a articulação desta proposta com a formulação conceitual de Lacan sobre discurso e *dit-mension*.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem – performativo – discurso – dit-mension.

ABSTRACT:

In her book *How to really do things with words*, Bárbara Cassin takes up Austin's formulation of the performative character of language. The interest that arises for us, positioned in the field of psychoanalysis, is the articulation of this proposal with Lacan's conceptual formulation of discourse and *dit-mension*.

KEYWORDS: language – performative – discourse – dit-mension.

Introdução

Embora possamos afirmar que ninguém na comunidade psicanalítica questionaria a relação da psicanálise com a linguagem, e que ela poderia até ser o ponto de concordância inquestionável, assim que tentamos chegar a alguma precisão sobre essa relação, deparamo-nos com diferenças inegáveis. Essas diferenças são devidas a concepções díspares tanto da ideia de linguagem quanto da concepção de psicanálise, a consequência está em como especificamente a relação deve ser considerada.

O meu objetivo para esta apresentação é rever um tema particular dos estudos da linguagem e como ele constitui uma certa forma específica em relação à psicanálise.

Em primeiro lugar, para estabelecer com precisão como pensamos, em APOLa, a articulação entre o campo da linguagem e a psicanálise, passarei em revista, no PIC,¹ os pontos em que se

¹Programa de Investigação Científica.

especifica o modo como a linguagem se articula com o campo da psicanálise, para depois passar à questão particular que pretendo apresentar.

Premissas:

Ponto 5º: “interterritorialidade científica” da psicanálise, o que significa abordá-la articulada a outras disciplinas científicas vizinhas, como a matemática, a lógica, a física, a análise de discurso, a linguística, a antropologia, a história, entre outras.²

Conceitos Fundamentais:

1) INDIVIDUALISMO - Concebemos o sujeito existindo apenas em imissão (fusão) de Outridade. Sustentamos que: Isso fala (*Ça parle*); que o Inconsciente é o discurso do Outro/A e que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de forma invertida.

2) BIOLOGIZAÇÃO - Colocamos a pulsão como o eco no corpo do fato de que há um dizer, e o gozo como gozo do Outro/A e gozo fálico – fora do corpo – , ambos impossíveis de serem originados e localizados na substância viva. Ambos são criações da articulação significante no campo do Outro/A que afetam e incidem sobre o corpo 3D.

3) TEMPO - Analisamos, através do conceito de tempo circular – futuro anterior – no qual não se pode estabelecer a anterioridade, nem lógica nem cronológica, do corpo biológico em relação à ordem simbólica, nem da antecipação em relação à retroação, nem a alienação em relação à separação, nem de S_1 a S_2 . É necessário aceitar um Big Bang da linguagem e do discurso.

4) ESPAÇO - Operamos, na clínica psicanalítica, com um espaço “topológico” no sentido de concebê-lo como bidimensional (superficial) em relação ao qual, em certas ocasiões, a diferença exterior-interior opera e, em muitas outras não. Baseia-se em um buraco: *béance* (fenda), criado pela articulação significante no campo do Outro/A.

5) MATÉRIA - Concebemos a matéria da psicanálise como um materialismo dos termos da linguagem, caracterizada por ser: insubstancial, incorpórea e antinatural. É invisível e intangível. Possui consistência lógica. É estabelecida e operada como texto, tanto no sentido de S_1 e S_2 como na função da letra.

6) ENERGIA - Substituímos – para a psicanálise e para os assuntos de sujeito – a energia biológica e as forças físicas pela noção de valor (qualidade), entendida numa “economia política”,

² Disponível em: <https://apola.online/programa>

cuja apreciação depende de fatores como os que decorrem do laço discursivo, da língua, da sociedade, da cultura e que deve admitir a existência de fatores aleatórios em qualquer história particular (não-singular).³

Como se vê, os diferentes termos que participam do campo da linguagem, tal como é considerado por Lacan, apresentam uma articulação específica de acordo com a rede conceitual em jogo, como o uso, por exemplo, da noção de significante ou da de discurso.

Uma vez estabelecida esta relação, estamos em condições de introduzir uma vertente particular que se interroga sobre o valor performativo da linguagem e se esta condição é localizável na psicanálise. Por sua vez, em caso afirmativo, qual seria a especificidade do nosso campo.

Em primeiro lugar, apresentarei brevemente a que se refere o performativo, partindo do debate formulado na filosofia da linguagem e na linguística, para depois apresentar em que pontos haveria uma articulação com a psicanálise e propor algumas conclusões.

O performativo como categoria no campo da linguagem

No livro *Cómo hacer de verdad cosas con palabras*,⁴ Barbara Cassin retoma, também a título de homenagem, o título emblemático da postulação de John Austin: *How to do things with words*.⁵ O interesse de Cassin neste trabalho é, por um lado, regressar àquilo a que chama a invenção de Austin: o performativo e, ao mesmo tempo, na complexidade que introduz nesta condição ou capacidade da linguagem, refletir sobre a possível operatividade que ela poderia ter no campo da psicanálise.

A abordagem de Cassin consiste em propor um curto-circuito entre o performativo, anunciado por Austin em 1962, e uma singularidade da retórica antiga: “a onipotência do *logos* pensado e praticado pela sofística”.⁶ Embora localize uma comunidade entre estas posições, a autora passará a aspectos distintivos da retórica antiga, que não são relevantes para o que estou a tentar dizer, mas o que não podemos omitir é a articulação que a autora faz com a figura de Lacan. No seu livro *Jacques el sofista*⁷ ela comenta uma frase do *Seminário 12*:

O psicanalista é a presença do sofista no nosso tempo, embora com um estatuto diferente.⁸

³ Ibidem.

⁴ Cassin, B. (2022). *Cómo hacer de verdad cosas con palabras*. Buenos Aires: Cuenco de plata.

⁵ Austin, J. L. (2006). *Cómo hacer cosas con palabras*. Buenos Aires: Paidós.

⁶ Cassin, B. (2022). Op. cit. p. 8. (Tradução nossa).

⁷ Cassin, B. (2013). *Jacques el sofista*. Buenos Aires: Manantial.

⁸ Cassin, B. (2022). Op. cit. p. 16. (Tradução nossa).

Na sua perspectiva, ela situa a linguagem, tanto para a sofística como para a psicanálise, como o *phármakon*, remédio e veneno; se é possível que haja efeitos produzidos pelo significante e pelo equívoco, é porque o seu elemento é o ato de linguagem. Ao que acrescentamos o que disse Benveniste, na medida em que a psicanálise é uma linguagem que age tanto quanto exprime, ela é, portanto, uma performance compartilhada.

Se ficarmos apenas com o que foi dito até agora, parece que o fato de assumir o ato de fala seria suficiente para elevar a condição performativa da linguagem, mesmo sem ignorar o valor que isso implica, é prioritário apresentar mais precisamente como se especifica a ideia de performatividade.

Para o efeito, apoiar-me-ei em alguns desenvolvimentos de Bárbara Cassin e Émile Benveniste, que retomam e analisam a proposta de Austin.

Partimos da ideia central da invenção de Austin: com base na sua classificação dos enunciados, ele distingue que enquanto o constativo descreve algo, o performativo o faz. Um exemplo de enunciado constativo pode ser: “o gato está dormindo”; uma descrição que é afetada pela condição de verdade ou falsidade. Por outro lado, o exemplo possível do performativo “a sessão está aberta”, dito pela autoridade competente, não é nem verdadeiro, nem falso, é um fato.

No entanto, a suposta simplicidade desta classificação é questionada a partir da complexidade que foi se construindo através da análise crítica de referências de diferentes domínios.

Tomo alguns comentários de Benveniste e Cassin, não só pela sua pertinência, mas também porque são autores que incluem nos seus desenvolvimentos um diálogo com a psicanálise.

No artigo “La filosofía analítica y el lenguaje”,⁹ escrito em 1963, um ano após a conferência de Austin, Benveniste analisa o performativo no contexto da filosofia analítica, na medida em que é o campo em que Austin se enquadra.

Este contexto é interessante porque aponta para a diferença entre a perspectiva da filosofia e a da linguística, embora, neste caso, os filósofos de Oxford abordem a linguagem na sua expressão corrente, atentos ao uso coloquial. Por esta razão, Benveniste defende que é gerada uma contribuição muito importante para os linguistas.

No entanto, é o próprio Austin que, quando se trata de estabelecer uma forma precisa de identificar um enunciado performativo, não consegue localizar um critério gramatical, lexical ou sintático que o determine. Isso acabaria por deixar a distinção entre performativo e constativo numa grande ambiguidade. Seus argumentos problematizam a existência destas formas enunciativas, mas, como adverte Benveniste, o limite que Austin encontra é o do estatuto lógico.

⁹ Benveniste, E. (2007). “La filosofía analítica y el lenguaje” en *Problemas de lingüística general I*. México, D.F.: Siglo XXI.

Assim, sem querer concordar ou discordar do filósofo, Benveniste defende que o performativo é um fato de linguagem, e é no campo da linguística que vai procurar argumentos sobre este tipo de enunciado.

O aspeto que analisa é o das formas subjetivas da enunciação linguística; retomando uma abordagem anterior à existência das categorias do performativo e do constatativo, retoma a diferença que já tinha apontado entre “eu juro”, que é um ato, e “ele jura”, que é uma informação, com a possibilidade de propor os seus próprios argumentos.

Para estabelecer metodologicamente a delimitação do campo a analisar, seleciona cuidadosamente os exemplos, deixando de fora os casos que poderiam ter tido um valor performativo, mas que, com o uso generalizado, se tornaram fórmulas coloquiais que já não funcionam como atos. É o caso de: “Dou-lhe as boas-vindas”, “Eu lhe aconselho a fazê-lo”; e também daqueles que funcionaram em algum momento como performativos de intenção mágica: “Dou a vocês bom dia”.¹⁰

A partir dos exemplos que seleciona, consegue estabelecer certas condições que constituem as características dos enunciados performativos, desde o tipo de verbos declarativos conjugados na primeira pessoa do presente, que devem incluir um *dictum* (dizer), por exemplo: “ordeno que se mobilize a população”. Assim como os verbos com um complemento direto e um termo predicativo, como “Nomeio-te meu sucessor”. Ligadas a esta formalização dos enunciados, acrescentam-se as condições do lugar a partir do qual são pronunciados, como o da autoridade com poder, ou ainda os casos pessoais em que alguém adquire um compromisso no seu pronunciamento: eu juro, eu renuncio, etc.

Em qualquer caso, para além destas condições, o que o exclui de ser um enunciado performativo é o fato de ser estabelecido como um ato e, por sua vez, este ato deve ser único, a este respeito Benveniste diz:

Só pode ser realizado em circunstâncias particulares, uma vez e apenas uma vez, numa data e num lugar definidos. Não tem valor de descrição ou de prescrição, mas, mais uma vez, de realização [...] é um acontecimento porque cria o acontecimento.¹¹

Daqui o autor retira as seguintes conclusões:

¹⁰ Idem. p. 192.

¹¹ Idem. p. 194. (Tradução nossa).

1) Sendo um ato individual e histórico, um enunciado performativo não pode ser repetido, se outro o repetir torna-se um enunciado constativo.

2) A propriedade do performativo é ser sui-referencial, uma vez que se refere a uma realidade que ele próprio constitui.

3) Daqui decorre que é uma manifestação linguística, pois tem de ser proferida, tem de ser dita, coincidindo o sentido com o referente.

4) Um último aspecto é que o performativo não se define pela condição de modificar a situação empírica de alguém, a enunciação é o ato.

Voltando agora ao livro de Bárbara Cassin, considero interessante uma das propostas que ela faz, que é a da terceira dimensão da linguagem. Ela parte da filosofia clássica, que tematizava duas dimensões da linguagem: falar de e falar para.

O primeiro caso, falar de, é uma predicação que pode ser verdadeira ou falsa e é o aspeto constativo do discurso corrente, por exemplo: “a folha é branca”. Por outro lado, falar para é uma questão de persuasão, é o discurso da retórica, como pode ser a frase: “vamos os filhos da pátria”.

A característica da terceira dimensão da linguagem é o que Aristóteles menciona para a rejeitar como “sofisma”, a que chama desdenhosamente: “falar por falar”; ao que Cassin acrescenta:

Com Novalis, chama-se logologia; com Lacan: falar à toa; com Austin: performativo. [...] Esta dimensão (compreende-se porque é que Lacan inventa a palavra dit-mension [dito-menção]) não visa nem a verdade nem a persuasão, mas a felicidade no sentido da realização, da concretização, aquilo a que chamo na sofística: o efeito-mundo.¹²

Em todo o caso, o autor assinala “a porosidade” nas fronteiras das três dimensões, o que é claramente diferenciável teoricamente, é menos isolável na atuação discursiva. Neste sentido, Cassin defende que, embora o discurso sofisticado não seja equivalente ao discurso performativo de Austin, é um discurso que faz coisas com as palavras.

A psicanálise, entre a performatividade e a sofística

Em vários dos pontos que passámos em revista até agora, encontramos ressonância em algumas propriedades do dispositivo psicanalítico, mas somos avisados de que elas não transferem

¹² Cassin, B. (2022). Op. cit. p. 10. (Tradução nossa).

automaticamente as formalizações da linguística para o nosso campo. A psicanálise, existindo na linguagem, por sua vez, a afeta e a impacta com a urdidura do inconsciente, a hipótese de um sujeito que não sabe o que diz e não sabe que fala, mas também, para piorar, isso acontece na operatividade do significante, que precisou da reformulação de Lacan em coerência com essa nova dimensão que ele criou para a linguagem. Proponho ler isto na lógica do laço do significante, dado que é na retroação do futuro anterior que o discurso da psicanálise pode dizer a sua criação.

Nessa perspectiva, retomaremos alguns desses pontos mencionados, como é o caso da referência de Cassin à *dit-mension* como proposta de Lacan. O autor inclui uma especificação que relaciona diretamente o neologismo lacaniano com o termo *felicity* introduzido por Austin, que alude à realização efetiva de um ato discursivo. Desta forma, está diretamente ligado ao uso da linguagem, de acordo com a consideração da pragmática, que se baseia no ato de fala.

Por sua vez, a proposta de Alfredo Eidelsztejn, no seu livro *Outro Lacan*,¹³ na parte em que analisa o valor conceitual da expressão “substância gozosa”, introduz este neologismo como uma crítica de Lacan ao senso comum que nos leva a confundir dimensões matemáticas com a nossa intuição espacial. Talvez possamos concluir que essas dimensões, sejam elas de estatuto matemático ou linguístico, se articulam no discurso da psicanálise, precisamente pelo efeito de serem ditas a partir dessa estrutura formalizada do discurso.

Por outro lado, ao introduzir a questão da pertinência do performativo no dispositivo psicanalítico, com a ressalva já levantada anteriormente, há algumas reflexões que gostaria de propor como ponto de partida na continuidade desta pesquisa.

Uma referência incontornável neste tópico é a menção direta e explícita de Lacan no *Seminário 15 – O ato psicanalítico* –¹⁴ à figura de Austin, no que diz respeito à produção do objeto *a* na cadeia significante como um ato do psicanalista, um ato que pode estar diretamente ligado à interpretação. Podemos considerar que este ato discursivo produz um novo sujeito, entendido como sujeito, matéria; neste sentido, não se trata da consequência empírica de um indivíduo, referida por Benveniste, mas talvez se aproxime do “efeito-mundo” da sofística, tal como proposto por Cassin.

Este acontecimento é específico do dispositivo psicanalítico, cuja distinção fundamental é o inconsciente, o que nos permite propor que haveria dois acontecimentos de discurso de valor performativo. Um, o nascimento da psicanálise como um novo laço social e o outro a existência do inconsciente no quadro do texto clínico.

¹³ Eidelsztejn, A. (2015). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.

¹⁴ Lacan, J. (1967-1968). *El Seminario. Libro 15: El acto psicoanalítico*. <http://staferla.free.fr/S15/S15.htm>

BIBLIOGRAFIA:

1. Austin, J. L. (2006). *Cómo hacer cosas con palabras*. Buenos Aires: Paidós.
2. Benveniste, E. (2007). “La filosofía analítica y el lenguaje” em *Problemas de lingüística general I*. México, D.F.: Siglo XXI.
3. Cassin, B. (2013). *Jacques el sofista*. Buenos Aires: Manantial.
4. Cassin, B. (2022). *Cómo hacer de verdad cosas con palabras*. Buenos Aires: Cuenco de plata.
5. Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
6. Lacan, J. (1967-1968). *El Seminario. Libro 15: El acto psicoanalítico*. <http://staferla.free.fr/S15/S15.htm>

HAYDÉE MONTESANO:

Doutora em psicología pela Universidad de Buenos Aires. Psicanalista. Presidenta de APOLa.

E-mail: haydeemontesano@gmail.com